

Nessa tarde mimosa de saudade em que te vi partir, ó meu amor, levaste-me a minh'alma apaixonada nas folhas perfumadas duma flor.

E como a alma dessa florzita, que é a minha, por ti palpita amante! Oh! alma doce, pequenina e branca, conserva o teu perfume estonteante!

Quando fores velha, emurhecida e triste, recorda ao meu amor, com teu perfume, a paixão que deixou e qu'inda existe...

Ai, dize-lhe que se lembre dessa tarde, que venha aquecer-se ao brando lume dos meus olhos que morrem de saudade!

Junquinhos...

Florbela Espanca, A mensageira das violetas, Antologia: Seleção e Edição de Sérgio Faraco, L&PM Editores, 1997 - <http://www.estantevirtual.com.br>
Gentileza de Cincinato (Nato) Palmas Azevedo

Roceiro – mão calejada – quantas sementes plantou... Ah!, quanta boca saciada e quanta fome passou!!!

Eduardo A. O. Toledo, 0707 Trovarelegre Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Andorinha que vais alta, por que não me vens trazer qualquer coisa que me falta e que te não sei dizer?

São Paulo, com amizade, oferece o que preciso, pois, se estou na Liberdade, logo ali é o Paraíso!...

Hermoclydes Siqueira Franco, 1302 Trevo na Trova UBT – Seção de Taubaté/SP

O moinho que mói trigo mexe-o o vento ou a água, mas o que tenho comigo mexe-o apenas a mágoa.

Fernando Pessoa, Poesias, organização de Sueli Barros Cassal, 1ª Ed. 9701, reimpressão 2011, Coleção L&PM Pocket, vol. 2 - <http://www.estantevirtual.com.br>

Branças, suaves, doces mãos de irmã que são mais doces do que as das rainhas, hão de pousar em tuas mãos, as minhas numa carícia transcendente e vã.

E a tua boca a divinal manhã que diz as frases com que me acarinhavas, hão de pousar nas dolorosas linhas da minha boca purpúrina e sã.

Meus olhos hão de olhar teus olhos tristes; só eles te dirão que tu existes dentro de mim num riso d'alvorada!

E nunca se amará ninguém melhor: tu calando de mim o teu amor, sem que eu nunca do meu te diga nada!...

Sem palavras.

Paro na estrada. Vem lindo, rangendo, um carro de bois... E, entre chorando e sorrindo, sobra poesia em nós dois.

Humberto Del Maestro, 1305 Lit. & Arte: R Aurora A. Ferreira 171, Ap702 29090-310 – Vitória, ES

A vida é um hospital onde quase tudo falta. Por isso ninguém se cura e morrer é que é ter alta.

Eu bebo a vida, a vida, a longos tragos como um divino vinho de Falerno! pousando em ti o meu amor eterno como pousam as folhas sobre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos... O teu olhar em mim, hoje, é mais terno...

E a vida já não é o rubro inferno todo fantasmas tristes e pressagos!

A vida, meu amor, quero vivê-la! na mesma taça erguida em tuas mãos, bocas unidas hemo de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?... Que importa o mundo e seus orgulhos vão?... O mundo, amor?... As nossas bocas juntas!...

O nosso mundo.

Há um toque de exagero seja na dor... na alegria... no otimismo ou desespero, no mundo da Poesia.

Nide Fontana Baccaccia, 1109 A Voz da Poesia: R. dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

Saudades, só portugueses conseguem senti-las bem, porque têm essa palavra para dizer que as têm.

Da Natal, onde nasci, na década, de quarenta, a paz, que outrora, vivi, hoje, a violência, afugenta.

Pedro Grilo, 1107 Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

Tenho uma pena que escreve aquilo que eu sempre sinto. Se é mentira, escreve leve. Se é verdade, não tem tinta.

A vida não desaprova que o mundo é professor mas quem me fez fazer trova foi o meu mestre – o Amor!...

Waldir Rodrigues, 1304 Binóculo ivonildodias@secrcl.com.br jbatista@unifor.br

Se eu te pudesse dizer o que nunca te direi, tu terias que entender aquilo que nem eu sei.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 07 – 2013 JULHO
Assinatura até 31.12.13: 05 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haiku.sf.nom.br

▼ Todas las cosas preciosas se falsifican: desde el oro hasta los dioses:

¡Oh amor! ¡Cuántos crimines se cometen en tu nombre!
♪ ¡Amad y seréis superiores a vosotros mismos. El amor es un milagro del hombre que hace al hombre Dios y a Dios un corazón!...

♪ ¡Vivid de amor hasta morir! ¡La verdadera vida empieza en el amor y acaba en el instante en que se deja de amar!

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.07.13, enviar até 3 haicus de quigos: Bicho-preguiça, Leque, Rosa.

Até o dia 30.08.13, enviar até 3 haicus de quigos: Cardeal, Gardênia, Vento aromal.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou mfmendez@superig.com.br



3. A folha conterà o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (samatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIAS DE INVERNO

Volta do sítio
cão tosado às pressas.
Carrapato-pólvora.
Carlos Roque Barbosa de Jesus

Que belo canto!
É o Dia do Trovador.
Chora e canta a dor.
Cecília Sevílio

Pequeno arbusto
enfeita o jardim.
Camélia em flor.
Cecy Tupinambá Ulhóa

Brisa acarícia
a roça do agricultor,
saudando seu Dia!
Elen de Novais Felix

Vitrines em festa.
Dia do Comerciante.
Festejos pessoais.
Haroldo Rodrigues de Castro

No roçado, ao vivo,
a macaxeira cozida
faz animação...
João Batista Serra

Dia do Colono,
um grande dia de festa.
Todo mundo alegre.
Jorge Picanço Siqueira



HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Só folhas e penas,
no leito do rio seco
e animais com sede. D
Amália Marie Gerda

Abraços e beijos.
Entre os presentes, um xale.
É o Dia da Avó. T
Angelica Villela Santos

Olhar desanimado,
pescador senta na pedra.
Vê o rio seco... L
Djalda Winter Santos

A mata cortada
chão rachado sob meus pés.
O rio está seco. L
Elizabeth Krinski Beraldo

Sobre o túmulo
uma braçada de flores.
Dia da Avó. A
Manoel F. Menendez

Paina ao vento.
A criança dá corre,
mãos abertas. L
Marilena Budel

Menino correndo
atravessa o rio seco
e afunda na lama. T
Renata Paccola

No Dia da Avó,
agarradinha ao seu xale,
a netinha a beija. D
Amália Marie Gerda

Árvore de paina
no pomar da casa.
Travessieiros novos. D
Denise Cataldi

Senhora sentada,
cercada pelos netinhos.
Dia da Avó. T
Djalda Winter Santos

Com seus netinhos
pulando amarelinha.
Dia da Avó. L
Flávio Ferreira

Com as costelas
à mostra, mal segue o boi.
Rio seco. D
Manoel F. Menendez

Família reunida,
na mesa guloseimas.
Dia da Avó. L
Marilena Budel

Vaca – em pele e ossos –
caminha com o bezerro
pelo rio seco. C
Roberto Resende Vilela

Com muita doçura,
nas alturas, voa a paina,
ao sabor da brisa. T
Amália Marie Gerda

Bolo na mesa;
alegria na casa.
Dia da Avó. L
Denise Cataldi

Sozinha na casa
avó festeja seu Dia
assiste TV. D
Elizabeth Krinski Beraldo

Recebendo abraços
dos seus netos já adultos.
Dia da Avó. T
Flávio Ferreira

Nos galhos sem folhas,
as plumas brancas dos frutos.
Paineira-rosa. T
Manoel F. Menendez

Família reunida
festeja o Dia da Avó
no antigo solar. D
Renata Paccola

Família reunida
homenageia a anciã.
Dia da Avó. T
Roberto Resende Vilela

A paina macia
vai enchendo travessieiros.
O sono vem logo. L
Angelica Villela Santos

Paineiras floridas
e o vento soprando forte.
Tapete de painas. B
Djalda Winter Santos

Abro a janela
paina seca esvoaça
sobre o tapete. D
Elizabeth Krinski Beraldo

Na mesa, faltando
engrossado de cascudo.
Rio seco. T
Flávio Ferreira

O sol vai alto,
caminhada pela trilha.
Rio seco. D
Marilena Budel

Velha fazendeira
ganha pipoqueira nova
no Dia da Avó. L
Renata Paccola

Relâmpagos. Raios.
Vaivém de flocos de paina
aos ventos contrários. T
Roberto Resende Vilela

O H A I K U É P O E M A U N I V E R S A L

H. Masuda Goga, Setembro de 1998. Gentileza enviada pelo Autor Hidekazu Masuda 08.08.1911-28.05.2008, Goga, em 08.10.98.

O haiku ou haicai, denominação adotada no Brasil, é poema universal, pois canta a natureza (kigo) e a natureza, ela própria, é universal. Assim, todos os haiku são considerados universais do ponto de vista do kigo que representa as estações do ano na natureza.

O que determina a identidade de cada haiku é a natureza (kigo) de cada país ou região e não o vernáculo ou a nacionalidade do autor.

Quando o haiku canta a natureza (kigo) do Brasil, a identidade desse haiku é brasileira, não influndo, no caso, a língua ou a nacionalidade

do poeta.

Esquema Demonstrativo

KIGO	IDENTIDADE
Trovão do Brasil	Brasileira
Trovão do Japão	Japonesa
Trovão de outros países	De cada país
Seja qual for o autor ou língua, o trovão é o fenômeno universal	
Assim, o Haiku (haicai) é universal	

Por isso, onde há natureza, há o nascer do haiku. Em outras palavras, cada país ou cada região tem seu haiku com identidade própria, nascido da natureza local. Dizem que até nos polos há estações. Portanto, todo país ou região tem a sua natureza (estação ou kigo) que é o berço do haiku.

Se um japonês produzir haiku em japonês com o kigo do Brasil, este haiku tem identidade brasileira. Da mesma forma, se um brasileiro produzir haicai em português com o kigo do Japão, esse haicai tem identidade japonesa.

Por conseguinte, podemos dizer que o poema de 17 sílabas que canta a natureza (kigo) tem universalidade.

O haiku ideal canta em louvor da natureza, numa afirmação de aceitação e obediência à ordem natural divina, significando ainda, o descobrimento da transitoriedade das coisas.

Portanto, quem desafia a natureza não conseguirá entender o espírito haicaístico ou sabor do haiku.

O haicuísta geralmente aceita com humildade todos os fenômenos atmosféricos, como:

tempestade, seca, chuva de granizo e até poluição, como kigo para produzir o haiku. Para o haikuísta, a natureza é absoluta, divina e respeitável.

A natureza pode existir sem o haikuísta, mas este não pode expressar a sua sensação sem observar a natureza. Assim, a natureza é a mãe da poesia que se canta através do haiku no mundo inteiro.

O grande mestre do haiku tradicional Takahama Kyoshi (1874-1959) escreveu na revista *Tamano*, em setembro de 1929, o seguinte:

“Espero que não só o japonês, mas também toda a humanidade, apesar da disparidade climática e

sazonalidade não tão bem definida como no Japão, se sensibilize em relação ao delicado sentimento de louvar a natureza, quer no grande calor, quer no frio intenso, e observando os fenômenos do ambiente ao seu redor, possa descobrir a musa” (Tradução livre de H. Masuda Goga).

Este conceito é importantíssimo para a divulgação deste gênero poético para todos os cantos do globo.

Em 1936, o próprio mestre Kyoshi, quando visitou a Europa, fez uma palestra pioneira sobre este assunto no PEN Club, em Londres.

No entanto, até bem pouco tempo, os poetas ocidentais não reconheciam o valor do kigo.

Acho que os povos de todo o mundo devem ser mais humildes, pois hoje em dia, a sociedade industrial tem a lamentável tendência de prejudicar a natureza em nome da civilização. Esta ganância atrapalha a ordem natural e ameaça a própria vida humana.

E a tecnologia avançada, em vez de beneficiar a humanidade, continua prejudicando o transcurso natural, com irrecuperável dano à natureza, somente visando vantagem econômica momentânea.

Este fato é lastimável, particularmente para nós haicaiístas que amamos e respeitamos a natureza tal qual ela é.

Um exemplo lamentável é o da tecnologia genética que consegue construir a “fábrica do vegetal” e vem produzindo frutas e hortaliças em qualquer época, obtendo inclusive a padronização de tamanho, cor, etc.

Para difundir a ideia de proteger e preservar a natureza, vamos intensificar a divulgação do haicai com kigo que canta a beleza e pureza que Deus nos deu.

Desejo ardentemente que o poema conciso, de apenas 17 sílabas, com kigo, seja apreciado por todos os povos, como o maior tesouro do mundo.

H. Masuda Goga
Setembro de 1998

A A P R E C I A Ç Ã O D O H A I C A I

H. Masuda Goga, Setembro de 1998. Gentileza enviada pelo Autor Hidekazu Masuda 08.08.1911-28.05.2008, Goga, em 08.10.98.

O julgamento ou a avaliação do haicai é impossível, rigorosamente dito, porque a apreciação é uma espécie de diálogo entre autor e apreciador, motivado pelo próprio caráter do gênero poético: o haicai não explica tudo por tudo.

Quando o apreciador consegue descobrir a poesia oculta, se sentirá satisfeito; mas quando não consegue, o poema tem seu valor prejudicado.

Na história do haiku no Japão, não é raro surgirem episódios em que certo haiku é elogiado por todos os participantes da reunião, exceto pelo mestre; assim como também acontece o contrário.

Por isso, é sempre bom lembrar que o resultado da votação ou da escolha dos haicais apresentados em reunião é uma aprovação relativa quanto ao valor do poema, não significando necessariamente que o poema mais votado seja o melhor entre os apresentados para apreciação do grupo.

A votação e o comentário são uteis para melhorar o haicai em questão. Por isso, deve-se evitar a discussão pretensiosa, pois antes de tudo, a reunião exige harmonia, que é o princípio e o espírito do poema que devemos aprender.

Esquema de Apreciação do Haicai

Concurso		
Participantes ...	Haicais =	Consenso dos jurados
Reunião		
Votação =	Haicais =	“Vox-populi”
Estudo		
Comentário =	Haicais =/=	“Vox-populi”

1 – No concurso, quem julga o haicai é o júri, sem a interferência do participante.

2 – Na reunião, cada participante vota, e a soma dos votos representa a aceitação do haicai.

3 – Para o estudo, o autor ouve a opinião do mestre ou de um ou mais participantes, independente da aceitação ou votos obtidos da “Vox populi”.

NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO HAICAI NO BRASIL – TRECHO FINAL

Paulo Franchetti, Texto lido no Campus de Assis – UNESP, a convite do Departamento de Letras Modernas, em 09.11.1993
Rev. Let., São Paulo, 34: 197-213, 1994 – Gentileza do Autor, em 07.02.96

como nos furtarmos à responsabilidade de abrir o campo para discussão e tentar definir agora o que parece ser a atitude poética subjacente ao texto de haicai.

Até onde podemos ver, essa atitude consiste na obtenção de uma percepção muito ampla ou intensa por meio de uma *sensação*. Nunca será demais reiterar o caráter central que a sensação tem no haicai ou no *haiku* japonês, e se não atentarmos para esse ponto perderemos de vista boa parte da especificidade desse tipo de poesia. Parece muito claro que é do contraste entre a fugacidade da sensação e o seu ecoar nas diversas cordas da sensibilidade e da memória que nasce boa parte do que é mais característico na poesia de haicai.

Daí a importância da palavra de estação (*kigo*) no *haiku* japonês, finalmente incorporada à prática no Brasil. É do *kigo* que decorre quase todo o *haicai*. Em muitos casos, o *kigo* representa o aqui e o agora que originaram uma dada emoção; em outros tantos, permite criar, muito economicamente, o *mood* característico que envolve uma dada percepção da realidade. Na concretude do poema, a técnica de manipulação do *kigo* é vital para gerar a atitude de espírito que caracteriza o haicai: ele permite o reconhecimento, através de uma sensação objetiva, de um conjunto mais amplo em que essa sensação se encaixa e atua significativamente.

Para tornar mais clara essa asserção final sobre o lugar central da sensação como disparadora do mecanismo significativo do haicai, podemos fazer um teste de leitura que nos tentará mostrar que, se a experiência concreta da sensação não for mantida no haicai, este corre o risco de perder o que aprendemos a reconhecer, para usar novamente a expressão japonesa, como o sabor específico do haicai.

Para esse experimento, voltemos, mais uma vez, ao “haicai” mais conhecido de Guilherme de Almeida:

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se: “Agora”. (1970)

Assim, só texto, o poema se deixa ler como haicai: o gosto da amora está no presente do poema, é sentido pelo poeta enquanto poeta. Essa sensação lembra outra, o que a intensifica e abre espaço para a evocação (algo sentimental para haicai, é verdade) de um momento passado de plenitude. Já com o título de “Infância”, o gosto de amora faz parte do passado, é lembrança de um gosto, evocação mental e não sensação imediata. Temos, com o título, o caminho inverso: não é a sensação que evoca ou desencadeia a emoção, mas é o sentimento que recria a sensação como *símbolo* do bem perdido.

Sem o título, podemos ler o poema num registro de haicai, numa atitude de haicai. Com o título, temos de recuar para os limites da nossa própria tradição: é já um outro texto, porque já faz parte de outro registro genérico.

Neste momento, creio que já podemos avaliar o percurso do haicai no Brasil. Dada a peculiar forma de ser desse tipo de poesia, do que expusemos parece que se pode concluir com bastante segurança que, independentemente do nível de realização estética dos produtos, houve ao longo dos anos um grande progresso na aclimação da prática do haicai no Brasil. E mesmo que poeticamente ainda não tenhamos atingido um patamar de excelência, pelo menos parece certo que aos poucos e humildemente, se está finalmente construindo aqui – com o descobrimento e a sistematização dos *kigos* brasileiros, e com o desenvolvimento da técnica de composição – um nosso caminho de haicai.

¹⁰ – É verdade que algum ardoroso defensor da métrica em haicai poderia argumentar que o ideal seria a naturalidade do haicai na forma 5-7-5. Não parece haver, porém, qualquer propriedade nessa forma de distribuir sílabas, pois o haicai provém de uma tradição métrica e rítmica *tão* diferente da nossa, que não faz qualquer sentido reproduzir aqui aquilo que o poema tem de mais exterior. Muito mais importante, parece, é aproveitar do haicai aquilo que ele tem a nos oferecer de novo e de enriquecedor da nossa própria tradição. E a distribuição métrica em 5-7-5 não é, positivamente, algo dessa natureza.

VINTE SUGESTÕES PARA O HAICU

Cópia, gentileza enviada pelo autor Douglas Eden Brotto:

As sugestões abaixo são de David Coomler, um dos mais polêmicos hajins (poetas de haiku) do grupo de Matsuyama, através da Chiki list.

Defensor do haiku tradicional, propôs até dividi-lo em modalidades, assinalando com um T os que seguem as antigas regras.

Prefiro denominar de sugestões os vinte padrões – *standards*, – como ele os chama, esperando tornar assim esses verdadeiros “mandamentos” mais assimiláveis a nosso anárquico paladar: “*don’t try, do not use, do not be...*”.

“mandamentos interditórios”, em sua quase totalidade. Mas são válidos.

- 1 Não tente ser ou parecer inteligente nem espirituoso, nos haikus.
- 2 Não use muitas palavras, senão o poema perderá em nitidez.
- 3 Não use poucas palavras, senão ficará obscuro.
- 4 Não seja escravo da métrica, mas tente usar 17 sílabas ou menos.
- 5 Não faça filosofia – nenhum processo de pensamento lógico pode ser exibido.
- 6 Não compare uma coisa com outra.
- 7 Não fale de qualquer coisa ou

fato como se eles tivessem um significado maior do que realmente tem.

- 8 Não tente causar surpresa ou impressionar com uma frase de efeito (*punchline*).
- 9 Não deixe de usar palavras de uso comum, necessárias ao bom entendimento do haiku.
- 10 Não pregue religião, crenças, moral ou ética.
- 11 Não use rimas finais nem internas nos versos.
- 12 Não use efeitos sonoros pela repetição de determinados sons.
- 13 Não compile nem use listas de

palavras (*quigo*) do tema sazonal (*quidai*), mas tente sempre indicar a estação do ano em que se criou o haiku, mencionando-a, ou de forma indireta, sugerindo-a com clareza.

- 14 Evite colocar seu *ego* no haiku;
- evite o uso de *eu, me e meu*.
- 15 Leia haikus clássicos e observe os que causam efeito poético, os que não causam, e aprenda de ambos.
- 16 Evite assuntos inapropriados para o haiku, como romance, sexo, catástrofes, crimes, etc... Haiku é expressão de coisas

simples com palavras simples.

- 17 Não dê características humanas para objetos inanimados (ou fenômenos da natureza) ou para outras criaturas vivas.
- 18 O haiku deve transmitir sensações genuínas, sem produzir efeitos calculados.
- 19 O haiku deve versar sobre a natureza, não sobre abstrações.
- 20 Não caia no equivóculo de pensar que poemas insólitos ou experimentais sejam haikus, apenas por terem sua métrica ou disposição dos versos semelhantes às do haiku.

Coomler, sabiamente, pondera que os padrões acima são para serem usados como instrumental para orientação, e não como regras *indispensáveis, de caráter absoluto*.

Alerta, porém, que o bom artista deve conhecer as regras de sua arte antes de resolver usá-las ou quebrá-las, para não ser apenas *naif* (sem arte nem afetação).

Seria interessante discutirmos os tópicos referentes ao *quigo*, ao *ego* e a antropomorfização, ou outras quaisquer, em outra ocasião.